

PATHOS

Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia

Pesquisa de perfil dos autores da Pathos
1º Quinquênio -
maio/2015-maio/2020

Maio, 2020

Pesquisa de perfil dos autores da Pathos
1º Quinquênio -
maio/2015-maio/2020

Maio, 2020

Sumário

Sobre a Pathos.....	03
Editores.....	03
Introdução.....	04
Método.....	05
Resultados.....	06
Análise.....	09
Arremate provisório.....	12

Sobre a Pathos

A Revista Pathos é uma iniciativa independente de seus editores, com publicações semestrais e que recebe textos em português nas áreas da saúde, educação, assistência social e jurídica a partir de diferentes enfoques teóricos e categorias profissionais. Ela surgiu do desejo de um grupo de profissionais que atuam nessas redes, tendo como objetivo oferecer um espaço dedicado à publicação sobre as práticas oriundas desses campos de atuação. As discussões acerca desse projeto iniciaram-se no ano de 2012 e a primeira publicação ocorreu em maio de 2015. Trata-se, portanto, de um espaço que foi pensado para dar voz aos trabalhadores e permitir o compartilhamento de suas reflexões sobre as experiências de seu dia a dia de trabalho. O escopo desta revista é a produção de saberes sobre a práxis e, desse modo, "práticas públicas" e "psicopatologia" que implicam o tencionamento em seu dinamismo ético, clínico e político.

Editores

Adriana Simões Marino

Editora Chefe

<http://lattes.cnpq.br/1443501940849745>

Cristiano Rodineli de Almeida

Editor Técnico

<http://lattes.cnpq.br/1701739177173468>

Andréia Alves Teixeira

Editora de Sessão

<http://lattes.cnpq.br/4733221028040567>

Danielle Antonelli Cardia

Editora de Sessão

<http://lattes.cnpq.br/8741083672714341>

Ricardo Rentes

Editor de Sessão

<http://lattes.cnpq.br/1067830340810265>

Introdução

Esta pesquisa reúne informações sobre alguns aspectos do perfil dos autores que já publicaram nos volumes da Revista Pathos no período entre maio de 2015 e maio de 2020. Tal estudo tem por objetivo trazer conteúdos que poderão servir de base para a reformulação da política editorial da revista.

Essa pesquisa nasce de nossa indagação acerca de quem eram os profissionais que procuravam nossa revista ao longo de seus cinco anos de existência e, caso fosse necessário, que ações poderíamos implementar para atingir os profissionais que estão na linha de frente, mas ainda não contemplados com a publicação de seus trabalhos.

Concomitantemente, pensando na perspectiva dos direitos humanos, pretendemos ser uma revista que possa privilegiar àquelas pessoas que tradicionalmente estão fora do *metiê* de publicação, em sua maioria pretas, indígenas, LGBTQ+, e autores fora da região sudeste e zonas metropolitanas do país. Acreditamos que essas pessoas também reúnem conhecimentos, pesquisas e práticas significativas que nos interessam. Entendemos, com isso, que a Pathos pode ser um instrumento interventivo ao criar condições equitativas para que a pluralidade que nos define enquanto brasileiros, esteja sempre presente em nossas páginas.

Pretendemos, então, engendrar enfrentamentos ao modelo de dominação e poder que, por vezes, se estende ao universo acadêmico-técnico-científico, o qual se ancora no estereótipo do colonizador "caucasiano, masculino, heterossexual, europeu, judaico-cristão", bem como aos padrões sociais enrijecidos acerca da educação, religiosidade, matrimônio e família (LOUZADA, 2017, p. 100). Esse ideal eurocêntrico-colonizador descaracteriza e desconsidera "as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção da subjetivação de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetividade" (QUIJANO, 2005, p. 121).

Portanto, apresentamos a seguir, parte daquilo que tem inspirado mudanças em nossa atuação, no que concerne a busca por autores, práticas e textos que nos rincões desse Brasil e nos escondidos das comunidades urbanas demandam por escuta.

Os Editores

Método

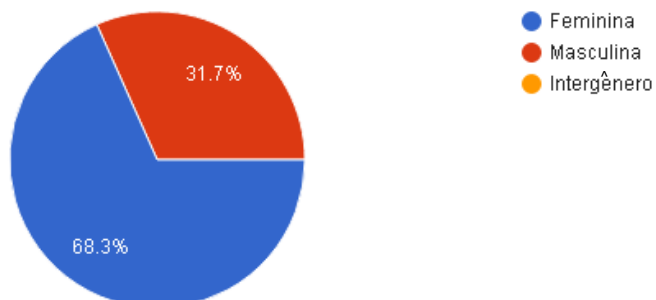
Criamos um formulário semi-estruturado, com questões de múltipla escolha, na ferramenta da web intitulada *Google Forms*. O questionário abordou características sociodemográficas, como por exemplo, idade, sexo, gênero, grau de instrução, região do país que reside, se a formação profissional se deu em escola/universidade pública ou privada, área de atuação, entre outras. O objetivo é que tal instrumental pudesse trazer um recorte inicial do perfil dos autores que publicaram textos – artigos, relatos de prática, resenhas, manifestos e reflexões - na revista no último quinquênio de sua existência (maio/2015-maio2020).

O formulário foi encaminhado para os e-mails ou *whatsapp* dos autores cadastrados na plataforma de submissão da revista, num total de 90 sujeitos. Desses, obtivemos um retorno de preenchimento de 43 respostas. O questionário ficou ativo para acesso no período de 10/01/2020 a 05/05/2020.

Os dados que apresentaremos a seguir foram compilados automaticamente pela ferramenta em gráficos, facilitando a análise quantitativa de cada questão. Apresentaremos os gráficos acompanhados de uma possível análise acerca do ponto discutido, tomando como referenciais aspectos sociais que pudessem conversar com a questão em tela.

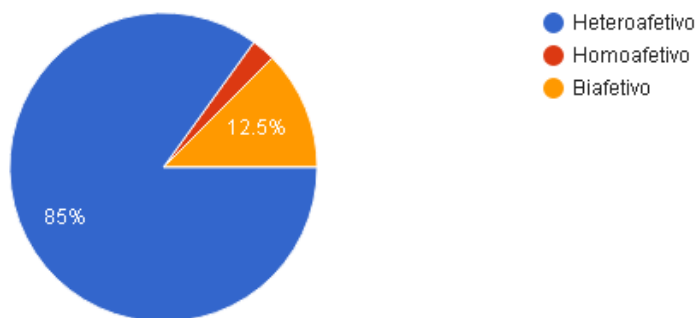
Resultados

GRÁFICO 1 - Identificação de gênero



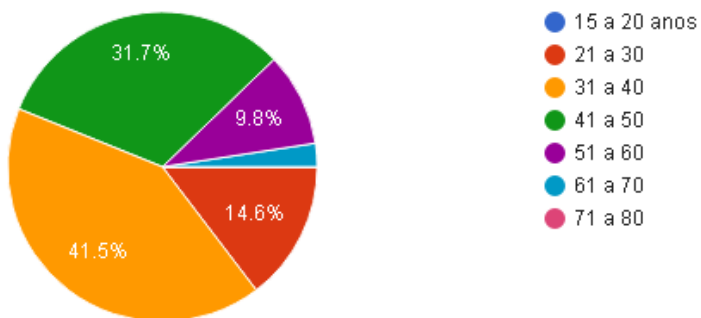
FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

GRÁFICO 2 - Orientação sexual



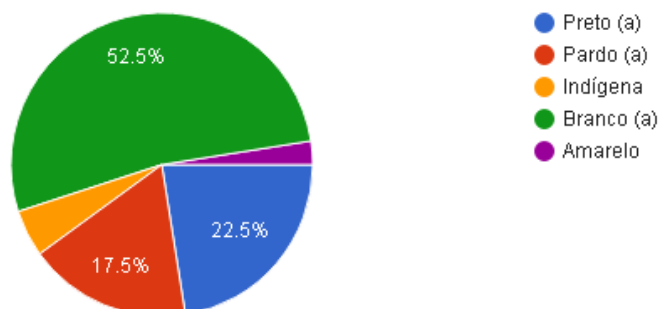
FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

GRÁFICO 3 - Faixa etária



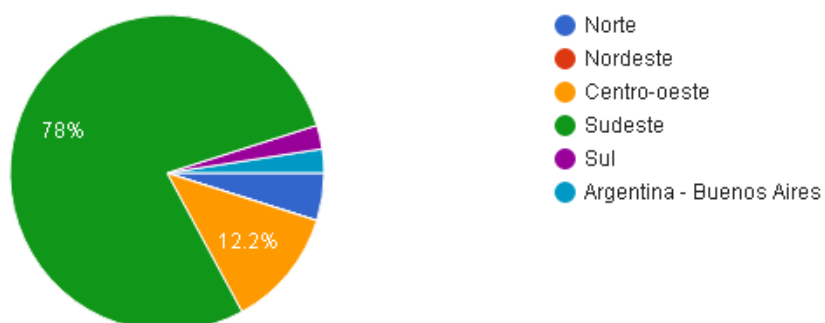
FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

GRÁFICO 4 – Cor da pele



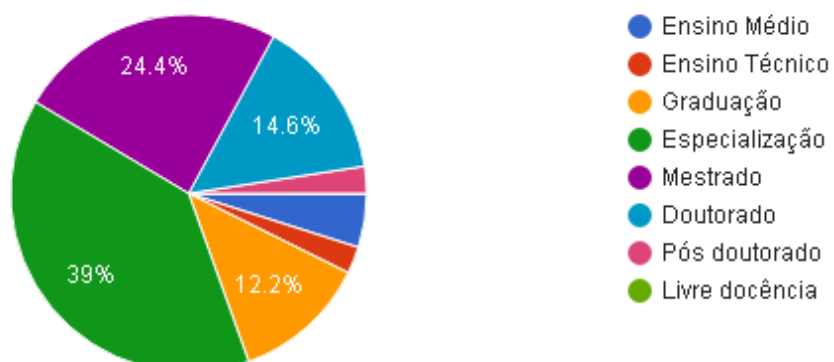
FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

GRÁFICO 5 – Região de moradia

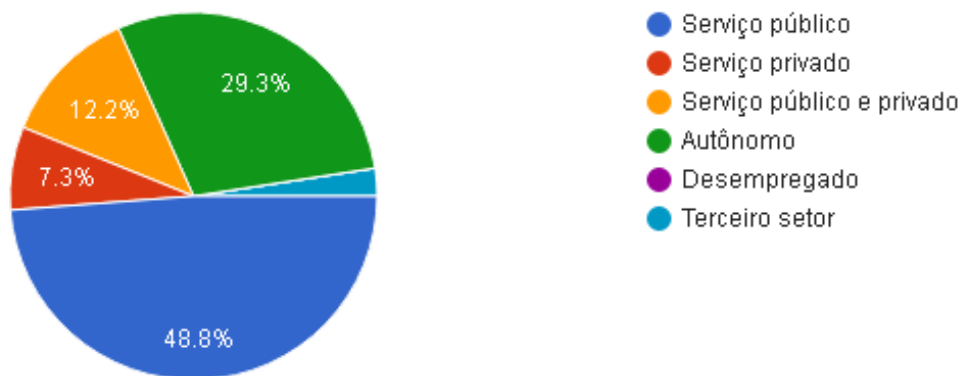


FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

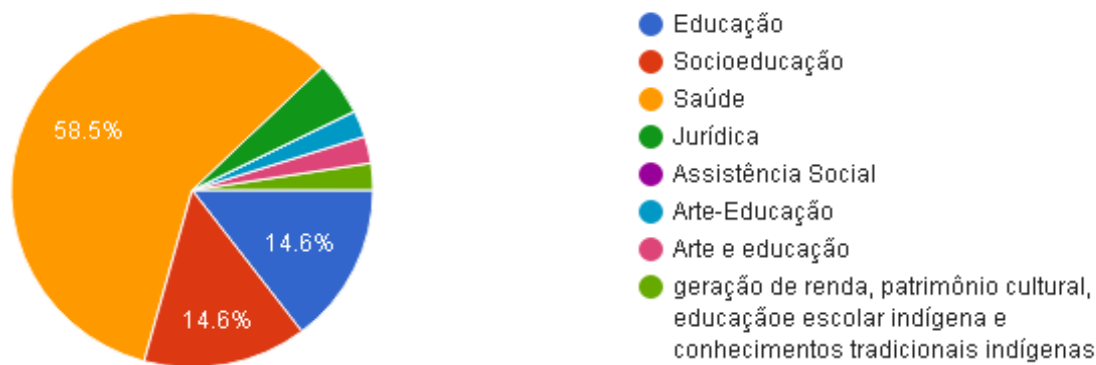
GRÁFICO 6 – Formação acadêmica



FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

GRÁFICO 7 – Local de atuação profissional

FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

GRÁFICO 8 – Área de atuação

FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

Análise

Inicialmente nos debruçamos sobre como os autores se reconheciam em relação a questão de gênero. Aproximadamente 70% dos que responderam o questionário identificaram-se como mulheres e, entorno de 30%, como homens. Não obtivemos resposta no quesito *intergênero*. No recorte desta questão, percebemos a esmagadora maioria de mulheres na produção e divulgação de saber em nossas páginas. Isso pode denotar que a Revista Pathos apresenta temáticas, tanto acadêmicas quanto empíricas, que convocam mais o olhar do feminino e sua representatividade, chamando de maneira indireta as mulheres para publicação. Talvez pela Revista Pathos possuir como um de seus objetivos a promoção de equidade, diversidade, inclusão e igualdade de oportunidades, tal característica promova maior interesse do público feminino.

Outro aspecto abordado é a questão diversidade de orientação sexual, fator esse inerente à espécie humana, mas infelizmente ainda tão estigmatizada e tensionada, por vezes, a espaços marginais e violentos de nossa sociedade brasileira. A grande maioria dos entrevistados se autodeclarou heteroaferivo (85%). Os autodeclarados LGBTQ+ somaram 15% do total. Embora reconheçamos que já possuímos certa representatividade, essa discrepância de espaço de fala entre as orientações sexuais poderia denotar ainda pouca visibilidade e representatividade da Pathos em meio a esse público, bem como em suas temáticas de publicação e interesses coletivos.

Em relação à faixa etária dos autores, percebe-se que as faixas 31 a 40 anos e 41 a 50 anos somam juntas cerca de 70% do total. No que tange o grupo mais idoso entre os autores, dos 61 a 70 anos, corresponderam a apenas 2,5% das respostas. Diante de tais dados, nos questionamos quais estratégias seriam necessárias para que o público com mais idade, por vezes profissionais com mais experiência, também pudesse compartilhar seus conhecimentos e vivências através das páginas de nossa revista. Talvez, por sermos uma revista que prioriza a publicação de experiências não somente teóricas e acadêmicas, mas sim que traduzem e representam a práxis de nossos dias atuais, tal característica poderia acabar focando mais em uma parcela de profissionais que está atuando na linha de frente, sendo esses profissionais, em sua maioria, uma população mais jovem entre 30 e 50 anos.

No que se refere à etnia, observamos que mais da metade dos participantes da pesquisa se autodeclarou brancos (52,5%), seguidos por pretos (22,5%), pardos

(17,5%), indígenas (5%) e amarelos (2,5%). Se pensarmos que quase a totalidade dos autores são graduados, esses dados evidenciam algo da formação superior no país. A Sinopse Estatística da Educação Superior registrou em 2018 um total de 8.450.755 matrículas no Brasil, das quais 41,81% foram de pessoas autodeclaradas brancas, 28,83% pardas, 6,99% pretas, 1,66% amarelas, e 0,69% de indígenas (INEP, 2019). Percebemos, então, a despeito dos programas de cotas existentes, ainda a presença de uma hegemonia branca na entrada dos cursos superiores no Brasil.

A maioria dos autores, cerca de 80%, vive na Região Sudeste, seguida das regiões Centro-oeste (12,2%), Norte (4,9), e da Sul (2,4%). Há também uma porcentagem dos autores oriundos da Argentina (2,4%). Não temos, ainda, trabalhos publicados na revista de autores da Região Nordeste. Junto a esses dados, a pergunta "onde fica sua residência?", trouxe-nos a informação de que quase a totalidade dos autores pesquisados vive na zona urbana (95%). A exceção foi os residentes das aldeias indígenas (2,5%) e de regiões classificadas com "outras" (2,5%). Não obtivemos resultados de profissionais residentes do meio rural ou de quilombos.

Em primeira análise seria possível associar esses números ao fato da Pathos ter sua sede na cidade de São Paulo e, portanto, sua abrangência seria mais regionalizada nesse sentido. Entretanto, a pesquisa de autores traz em seu bojo aspectos do extrato social brasileiro. Na perspectiva do número de instituições de educação superior por região, o sudeste desponta com 44,38% do número de universidades/centros acadêmicos/faculdades do país. Conta ainda, com mais da metade de todas as universidades públicas brasileiras (52,50%) e, também, com a maior rede de ensino superior privada do país (40,40%) (INEP, 2019). Assim, não é de se espantar que possivelmente o sudeste desponte como o eixo de maior número de profissionais graduados do Brasil.

No mérito da instrução acadêmica desses profissionais, percebemos que dos autores pesquisados 2,4% são pós-doutores, 14,6% doutores, 24,4% mestres, 39% especialistas, 12,2% graduados, 2,4% técnicos e 4,9% com o Ensino Médio. No que se refere às duas últimas titulações, entendemos que a questão apresentada aos sujeitos ofereceu uma limitação no detalhamento da resposta, não permitindo, assim, entendermos se esses 7,1% (Ensino Médio + Técnico) estariam, ou não, no curso do ensino universitário.

Quando perguntado aos sujeitos onde haviam concluído o Ensino Médio, se em escola pública ou privada, 62,5% o fizeram em escola pública, enquanto os demais

37,5%, na rede privada. Quando a questão se referiu ao tipo de instituição que concluíram a graduação, os dados se inverteram. Daqueles que responderam, 62,5% finalizaram o curso superior em instituição privada, enquanto 37,5% o fizeram em universidades públicas. Tais dados poderiam reforçar a ideia de que os estudantes do ensino médio de escola pública acabam não alcançando as universidades públicas, tendo como alternativa, quando possível, o ensino superior privado. Já os estudantes de escola privada teriam maior acesso ao ensino universitário público. Os dados coletados em nossa pesquisa poderiam sugerir e evidenciar tal fenômeno.

Em números macros, a entrada de estudantes no primeiro ano do ensino médio público supera as do privado. A Sinopse Estatística da Educação Básica refere que em 2019 houve 2.924,091 matrículas no ensino médio, das quais 89% foram nos equipamentos públicos de educação e apenas 11% em instituições privadas (INEP, 2020). Já no ensino superior essa realidade se inverte. A pesquisa do INEP 2018 mostra que cerca de 75% das vagas no ensino superior no país são ofertadas por instituições privadas, assim, há um afunilamento estrutural na saída do ensino básico para o superior público gratuito, cabendo às instituições privadas a oferta de vagas, as quais são, prioritariamente, não gratuitas.

No que compete local de atuação profissional, cerca da metade dos entrevistados atuam no serviço público (48,8%) - muito provavelmente relacionado aos trabalhos nos Centros de Atenção Psicossocial, Centros de Convivência, escolas e universidades, e demais equipamentos públicos - seguido dos autônomos (29,3%) - como aqueles que atuam em consultório particular, como psicólogos, psicanalistas, por exemplo, e dos que atuam na rede público-privada (12,2%).

Esse ponto nos remete a última questão, referente à área de atuação, ao que três áreas ficaram mais evidentes: a saúde com 58,5%, seguida pela educação e socioeducação, ambos com 14,6% das respostas.

Arremate provisório

Os dados obtidos com o preenchimento do formulário nos inspiraram reflexões. Antes, no entanto, cabe uma consideração. Embora o número de sujeitos participantes da pesquisa não tenha sido de 100%, chegamos à margem de aproximadamente 50% do total, ao que os resultados obtidos nos remetem a uma direção reflexiva. Não houve, portanto, o desejo de nossa parte de um retrato fiel do perfil dos autores da Pathos mas, sim, indicativos que pudessem favorecer reflexões acerca do leque de abrangência da revista. Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa cumpriu seu objetivo favorecendo-nos indícios importantes sobre as temáticas debruçadas.

Considerações feitas, a partir dos dados apresentados ao longo do presente estudo, compreendemos que o perfil dos autores da Pathos ainda não contempla significativamente as populações pretas, indígenas, LGBTQ+, idosos e autores fora da região sudeste e zonas metropolitanas do país. Contudo, depreendemos também que as autodeclaradas mulheres despontam como a maioria dos autores da revista.

No que tange os locais de atuação, predominantemente a área da saúde se destaca, seguida pela educação e socioeducação. Embora sejam áreas importantes na produção do conhecimento, faz-se necessário o ingresso da Pathos em outros espaços de igual importância, mas de menor representatividade, até então, em nossas páginas, como a área jurídica, assistência social, arte-educação, hospitalar, organizacional e do trabalho.

Com base nesses números, discutiremos futuras estratégias equitativas que possam alcançar os profissionais que não estão contemplados na revista e, desse modo, aproximarmo-nos daquilo que tanto prezamos na defesa dos direitos humanos: pluralidade e diversidade humanas representadas!

Referências

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). (2020) **Sinopse Estatística da Educação Básica 2019**. Brasília: Inep. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 09 de maio de 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). (2019) **Sinopse Estatística da Educação Superior 2018**. Brasília: Inep. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 09 de maio de 2020.

QUIJANO, Anibal (2005). Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. p. 117-142. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 02 de abril de 2020.

LOUZADA, Virgínia. (2017) **A educação infantil no contexto da avaliações externas de larga escala**. Curitiba: Appris.